



Leitura e Literatura Entrevista com Vincent Jouve

*Reading and Literature
Interview with Vincent Jouve*

Eliane Cristina Testa*
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil

João de Deus Leite**
Universidade Federal do Tocantins
Araguaína, Tocantins, Brasil

Vincent Jouve é Doutor em Literatura Francesa (*l'Université Paris III*), professor de literatura francesa na Universidade de *Reims Champagne-Ardenne*. Ele é conhecido no Brasil pelos seus estudos acerca da leitura e especialmente da leitura de textos literários. Desenvolve pesquisas na área de teoria literária, da teoria da leitura e da literatura francesa no século XX. O seu engajamento científico e a qualidade de seus textos fizeram com que Vicente Jouve se tornasse uma referência na área. É autor de várias obras, mas dois de seus livros são bastante conhecidos no Brasil: *Por que estudar a literatura?* (2012) e *A Leitura* (2002).

Esta entrevista foi realizada no dia 24 de abril de 2019, por meio de correspondência eletrônica. A entrevista foi feita em língua francesa e traduzida para o português pelos entrevistadores.

Entrevistadores: Conte-nos um pouco sobre a sua história acadêmica.

Vincent Jouve: Após a aquisição do *baccalauréat*¹, eu me inscrevi em cursos preparatórios para literatura². Estes anos de estudo proporcionaram a mim uma formação sólida, interdisciplinar (visto que não estudávamos apenas literatura, mas, também, História, filosofia, letras modernas, e, até mesmo, lógica). Por outro lado, eu havia escolhido “filosofia”; e, somente depois, eu ingressei na *École Normale Supérieure*,

* Professora na Universidade Federal de Tocantins (UFT/Câmpus de Araguaína). Doutora em Semiótica e Comunicação pela PUC/SP. E-mail: poetisalia@gmail.com.

** Professor na Universidade Federal de Tocantins (UFT/Câmpus de Araguaína). Doutor em Estudos Linguísticos pela UFU. E-mail: joaodedeusleite@hotmail.com.

¹ N.T. No contexto educacional francês, trata-se do exame de conclusão do *Lycée*; buscando uma correspondência, no Brasil, seria o vestibular.

² Os cursos preparatórios são destinados tradicionalmente aos alunos que já fizeram o vestibular na França e que são apaixonados por literatura, textos clássicos (latim e grego), história e filosofia. Eles têm como objetivo a preparação para concursos nas grandes escolas do país, tais como a Escola Normal Superior.

onde, finalmente, eu optei pelos estudos literários. Mas, guardei desta passagem pela filosofia o gosto pela reflexão teórica. É o que explica, em parte, eu ter me voltado para a teoria literária, e, mais precisamente, para a teoria da leitura. A banca da minha tese de doutorado *L'Effet-personnage dans le roman (O efeito-personagem no romance)* foi presidida por Michel Picard, que tinha recém publicado *La Lecture comme jeu (A leitura como um jogo)*. Michel Picard ministrava aulas em Reims, e, quando ele se aposentou, convidou-me para eu me candidatar ao cargo vago.

Entrevistadores: Como e quando a temática da literatura e da leitura passa a ser objeto de interesse em seu percurso acadêmico?

Vincent Jouve: Eu creio que o ano-chave foi aquele do aperfeiçoamento na área de Letras (o que equivale ao atual mestrado na área de Letras). Eu havia escolhido trabalhar com a ideia de literatura a partir de Roland Barthes. Todavia, Barthes mesmo sendo fiel a sua vida toda a certas ideias fundamentais acerca da literatura, ultrapassou todas as grandes correntes teóricas do século XX: marxismo, estruturalismo, linguística, psicanálise. Analisando seu percurso, eu me encontrei mergulhado nos grandes debates da época sobre as relações que o texto literário mantém com a sociedade, com a linguagem, com o autor, com a “verdade”. Na última fase da sua produção, a reflexão de suas obras, a partir de *S/Z* e do *Plaisir du texte*, Barthes abandona o estruturalismo do seu início, em virtude de uma reflexão mais ampla sobre a leitura. O que me interessou particularmente era que ele não considerava, apenas, o ato de ler sobre o plano da construção de sentidos, mas, também, em termos de prazer. Eu tive vontade de continuar a reflexão, concentrando-me no romance, especialmente, sobre a questão do personagem: como nós, leitores, contribuimos para a construção das personagens e por quê sentimos o prazer de fazê-la?

Entrevistadores: É possível conceber a literatura como uma arte? Por quê?

Vincent Jouve: Na sua concepção moderna, a palavra “literatura” significa exatamente “a arte da linguagem”. Portanto, não é uma questão de escolha: a literatura pertence ao mundo da arte. Se, como Jakobson, definíssemos a prática artística como um trabalho de um material destinado a produzir um efeito estético, o trabalho do escritor inscreve-se certamente na prática artística. Se a matéria do músico, é o som; o do pintor são as linhas e as cores; o do escultor é a pedra; e a matéria do escritor é a linguagem. Cada vez que um autor trabalha a linguagem com fins estéticos – em outras palavras, privilegia a função poética – ele inscreve-se em uma posição artística. Os estudos de Genette e de Schaeffer vão no mesmo sentido. Para Genette, o que define um texto literário, é que ele visa intencionalmente um efeito (o sentimento do belo) que os objetos não artísticos podem suscitar por acaso.

Para Schaeffer, há uma relação estética cada vez que o contato com o texto é motivado pelo prazer.

Entrevistadores: Como fica o texto literário, na condição de forma e de conteúdo, considerando que o tempo (histórico) desloca o interesse do leitor?

Vincent Jouve: Se, como eu acabo de lembrar, um objeto é qualificado “artístico” quando ele suscita o sentimento do belo, é preciso concluir que a arte – e a literatura – tem uma forte dimensão cultural: as concepções dos “belos estilos” e das “belas letras” variam de acordo com a História. Por outro lado, cada um pode constatar que certas formas literárias envelheceram bastante: é difícil, hoje, alguém fazer poesia em versos alexandrinos e um romance como *La Nouvelle Héloïse (A nova Heloísa)*, que foi um *best seller* europeu, provavelmente provocaria um grande desinteresse na maioria dos leitores do século XXI. Porém, a forma não tem, apenas, uma dimensão estética; ela é também a origem plural do texto. A própria literatura propõe uma escrita tão trabalhada que ela abre o texto para as múltiplas interpretações. É porque um texto pode interessar sucessivos e diferentes públicos que assegurarão cada um o sentido que responde às suas preocupações. Portanto, um texto pode envelhecer como um objeto de arte, mas fica vivo como componente do patrimônio cultural histórico. É o que acontece em muitos textos literários do passado: o prazer cultural toma o lugar do prazer estético.

Entrevistadores: Qual o papel e a função do professor, no ensino de literatura, tendo em vista a problematização que você constrói sobre a dimensão estética dos textos literários?

Vincent Jouve: Eu creio que é necessário distinguir o texto como “objeto estético” e o texto como “objeto de cultura”. Se o prazer estético se enfraquece, ainda que desapareça sob o peso do tempo e da História (dito em outras palavras, porque os gostos mudaram), o professor não pode fazer grande coisa. No entanto, um texto que não agrada mais pode interessar tanto como um objeto estético como um objeto de cultura. É aqui que o papel do professor é essencial: pertence a ele o papel de reconstituir o segundo plano (histórico, cultural, artístico), do qual depende o sentido primeiro do texto. Esse sentido primeiro não é o único sentido do texto, mas todos os outros estão ligados a ele de uma forma ou de outra. Trata-se, em grande parte, graças ao ensino do status de objeto de arte ao componente do patrimônio. Há muitos textos de que não gostamos do ponto de vista do plano estético, mas que respeitamos (em razão da sua riqueza cultural). O papel do professor é mostrar que dos textos que não leríamos espontaneamente podem, no entanto, serem interessantes.

Entrevistadores: Qual o papel desempenhado pelo leitor no ato da leitura?

Vincent Jouve: Todos os teóricos reconhecem o papel ativo do leitor na construção do sentido. A leitura é uma interação, da qual uma parte depende do texto e a outra depende da individualidade de cada leitor. Uma vez esta constatação posta, a linha de divisão passa entre os que pensam que a ação do leitor é limitada e os que consideram que o leitor é um “co-autor” do texto. Para os primeiros (do qual eu faço parte), o leitor completa o texto pela característica subjetiva de suas representações e a maneira pessoal do que ele responde aos “espaços incertos” do texto (elipses, ambiguidades, contradições...). Para os segundos, cada leitor, selecionando e hierarquizando os elementos do texto de uma maneira que lhe é própria, lê sempre um texto diferente daquele elaborado pelo autor. Para Pierre Bayard, por exemplo, existe uma diferença entre o “texto geral”, publicado pelo editor, e o “texto singular”, produzido por cada leitura pessoal. É isso que diferencia os dois textos, é um “trabalho de seleção”, que se faz conforme o imaginário individual quando o leitor lê por prazer e em função da linguagem crítica utilizada (marxismo, psicanálise, história das ideias etc.), quando o leitor é um leitor profissional. Se, em tal passagem da *La Recherche*, se eu noto que ela é uma aristocrata, eu tenho um discurso sociológico; se eu noto que ela é uma Guermentes, eu tenho um discurso sobre a decalagem entre as palavras e as coisas.

Entrevistadores: De que modo as teorias da estética da recepção te levam a conceituar a relação entre autor, texto e leitor?

Vincent Jouve: É uma questão complexa, visto que, entre esses três elementos, um é invariável (o texto), o outro nem tão conhecido, às vezes, ignorado (o autor), e o último por definição instável e em mudança (o leitor). Em consequência, como mostrou Eco, três tipos de sentidos muito diferentes são percebidos no texto literário: o sentido pretendido pelo autor, o sentido manifestado pelo texto, e o sentido construído pelo leitor. Esses três sentidos não se recobrem necessariamente: um texto pode significar outra coisa que o autor tinha a intenção de dizer, e tal leitor pode ler no texto um sentido não previsto pelo autor. É necessário aceitar a existência desses três sentidos. Em seguida, tudo depende do projeto do comentador: Schaeffer interessou-se pelo sentido pretendido pelo autor, Eco, ao sentido manifestado pelo texto, Barthes, ao sentido percebido pelo leitor. Se nós nos interessássemos pela história das ideias, como algumas vertentes da estética da recepção, nós nos ancoraríamos, sobretudo, ao sentido percebido por um grupo de leitores particulares.

Entrevistadores: A leitura, como objeto de reflexão, deve ser pensada a partir do campo das ciências biológicas, das ciências humanas ou das ciências sociais?

Vincent Jouve: Na medida em que a leitura é uma atividade humana, ela é realmente legítima de ser estudada com os instrumentos elaborados pelo conjunto das ciências humanas. Nós nos distanciamos, sem dúvida, de uma reflexão especificamente literária (visto que o objeto de análise é mais o texto que, de fato, o leitor); mas, é preciso saber mais sobre esta atividade que acompanha o homem, desde os tempos mais antigos, porque ela é apaixonante. Em teoria literária os avanços mais interessantes são precisamente aqueles que consideram a leitura à luz da biologia (como se dar conta da necessidade da ficção do ser humano no quadro teórico da evolução?), das ciências cognitivas (como nós construímos o sentido de um texto?), pelo viés da medicina (como explicar os efeitos terapêuticos da narrativa?). Bem entendido estas problemáticas gerais não devemos perder de vista a dimensão cultural. Mas, elas ajudam a compreender melhor os motivos de nosso gosto pelas histórias. Essas questões estão no centro da minha próxima obra, *Pouvoirs de la fiction*, que será publicada no outono.

REFERÊNCIAS

JOUVE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp. 2002.

Recebido em: 28/11/2019

Aprovado em: 07/12/2019

Publicado em: 19/12/2019